

O Exposé sobre “Massa e propaganda” e as primeiras interpretações de Siegfried Kracauer do nazifascismo¹

Carlos Eduardo Jordão Machado²

Resumo:

Com a ascensão de Hitler ao poder e em particular com o incêndio do parlamento alemão, [no] final de fevereiro de 1933, Kracauer inicia a difícil experiência do exílio e, mais complicado ainda, suas tentativas de interpretação do nazifascismo que vão culminar no seu estudo, só publicado em 2012, sobre a *Propaganda totalitária* (1936-38) para o Instituto de Pesquisa Social. Aqui discutimos seus primeiros passos: o artigo escrito para a revista *L'Europe Nouvelle* de maio de 1933 e o *Exposé* “Massa e propaganda”, [de] dezembro de 1936.

Palavras-chave: Exílio; nazifascismo; propaganda; setores médios; distração; não-contemporâneo e o mais contemporâneo.

The Exposé “Mass and propaganda” and the first analysis Siegfried Kracauer’s of Nazi-fascism

Abstract:

With the rise of Hitler to power and in particular with the German parliament fire late February 1933, Kracauer begins the difficult experience of exile and more complicated still, his attempts to interpretation of Nazi-fascism that will culminate in his study, just published in 2012 on the totalitarian Propaganda (1936-38) for the Institute for Social Research. Here we discuss the first steps: the article written for the magazine *L'Europe Nouvelle* May 1933 and *Exposé* “Mass and propaganda”, late 1936.

Key words: Exile; Nazi-fascism; propaganda; middle sectors; distraction; non-contemporary and more contemporary.

¹ O presente artigo é o capítulo introdutório de um estudo mais amplo sobre a análise histórico-sociológica original de Kracauer do fenômeno do nazifascismo e da “propaganda totalitária”. [O trabalho, que havia sido pensado originalmente como tese de livre-doutorância de Carlos Eduardo Jordão Machado, foi interrompido pela doença. O autor então apresentou uma parte para publicação. Durante o processo de produção de *Verinotio* ele estava em tratamento, e finalmente sucumbiu à doença, tendo sido impossibilitado de fazer a revisão final do texto. Optamos por publicá-lo ainda assim, em respeito e homenagem ao autor, com pequenas alterações anotadas entre colchetes quando imprescindível para o entendimento das ideias expostas. Nota dos editores.]

² *In memoriam*. Doutor em filosofia pela Gesamthochschule Universität Paderborn e professor aposentado da Universidade Estadual Paulista (Unesp – campus de Assis).

No início dos anos 1930, na Alemanha, constitui-se uma constelação muito peculiar, fora de órbita, sem gravitação própria, repleta de tensões sociais contrapostas: o agravamento da crise internacional do capital financeiro, o crescimento assombroso de um processo de desagregação interna da sociedade alemã, o enfraquecimento do poder de atração dos partidos políticos estabelecidos e a ascensão paulatina do nacional-socialismo, em meio a uma confusão ideológica nunca vista no Ocidente. Logo no início de 1932, os nacional-socialistas ganham as eleições regionais na Prússia, na Baviera, em Württemberg e em Hamburgo. Em julho do mesmo ano, eles aparecem como majoritários nas eleições para o Congresso, com 37,7%, em relação aos 21,6% da social-democracia, aos 14,3% do Partido Comunista e aos 12,5% do centro. Em agosto, é publicada uma nova regulamentação dos meios de comunicações, no caso das transmissões radiofônicas [*Rundfunk*], já hegemonizado, no Ministério do Reich, pelos nacional-socialistas; o enrijecimento autoritário das novas diretrizes motiva Kracauer a escrever um longo ensaio em novembro, *Gestern-Heute-Morgen (Ontem-hoje-amanhã)*, contra a falsa compreensão do (suposto) princípio de neutralidade da imprensa (KRACAUER, 1990, pp. 136-47; 2011, pp. 256-68). Em janeiro de 1933, Hitler assume a Presidência [*Presidialregierung*]. Em 27 de fevereiro, o famoso incêndio do *Reichstag*³. Na mesma noite, Kracauer é notificado por telegrama pelo diretor do *Frankfurt Zeitung*, Heinrich Simon, que, aliás, não era nem um pouco seu amigo, muito pelo contrário, vai ser responsável pela “adaptação” do jornal aos “novos” tempos; oferecendo-lhe uma “viagem de trabalho” [*Arbeitsurlaub*] para Paris, para lá exercer a função de correspondente do jornal – o que vai durar só por poucos meses. Na mesma noite, Kracauer e sua esposa, Lili, partem para Paris; ela, indo diretamente e com pouca bagagem; ele, fazendo escala em Frankfurt, para resolver problemas familiares e pessoais, chegando à capital francesa no dia 2 de março. Começa então sua amarga e difícil trajetória no exílio, primeiro na França, até 1941, com o país já ocupado pelas tropas alemãs, quando finalmente embarca para os Estados Unidos.

1. 1933 – O ensaio para L’Europe Nouvelle

O texto foi escrito logo depois de sua chegada a Paris e publicado em tradução francesa, nos números de maio e junho de 1933, com o título *Les classes de la population allemande et le national-socialisme*, na revista

³ Ver *Rund um den Reichstag (Ao redor do Congresso)*, de 2 mar. 1933. Quando o artigo foi publicado, Kracauer e sua esposa já estavam em Paris (in: KRACAUER, *Schriften* 5-3, 1990, pp. 211-12; *Werke* 5.4, 2004, pp. 395-6).

*L'Europe Nouvelle*⁴. Seu primeiro esboço de interpretação do nazifascismo: o caso alemão. O fato de Kracauer se expressar na terceira pessoa e não assinar o artigo é de fácil compreensão, queria manter em sigilo sua autoria – estratégia de sobrevivência! –, é o que vai acontecer com toda a série de seus artigos e ensaios publicada nessa revista francesa como em outros periódicos durante o seu exílio parisiense.

O ensaio é uma tentativa de explicar para o público francês como foi possível que, em 5 de março de 1933, mais de 17 milhões de eleitores, pertencentes a diferentes camadas da população alemã, deram seu voto a Hitler. Sua análise é detalhada e de uma lúcida capacidade de síntese crítica e objetividade sem igual. Perpassa classe por classe, segmento por segmento da sociedade alemã: as classes médias, os empregados, os pequenos e grandes empresários, os funcionários do estado, intelectuais, camponeses, grandes e pequenos proprietários rurais, os industriais e a grande burguesia, o proletariado e, finalmente, os desempregados – seu tom é de um combatente político!

De fato, o nacional-socialismo tornou-se, nos últimos anos, em uma espécie de reservatório para todos aqueles grupos da população que se sentiam denegridos material e idealmente durante o período da chamada “República de Novembro”; para os quais os motivos e os efeitos variavam e o “sistema” foi responsabilizado por tais circunstâncias, o que não era apenas sua culpa, mas que tinham suas origens na crise mundial e nas dificuldades da política externa. (1990, p. 223; *Werke* 5.4, 2004, pp. 433-45)⁵

Boa parte da população canalizou seu protesto, de modo apaixonado, contra as relações da política interna dominante, nas quais acreditava ver fundamento decisivo de sua miséria. De modo mais incisivo, “o desespero das massas precisava de um inimigo palpável. E é indiscutível que sua crítica ressentida dirigida aos ‘criminosos de novembro’ [*Novemberverbrechern*] e ao marxismo propiciou ao nacional-socialismo sua imponente vitória” (1990, pp. 223-4).

⁴ Ver outros artigos escritos por Kracauer para essa revista francesa: *Über die deutsche Jugend, A propos de la jeunesse allemande* (Sobre a juventude alemã, 26 ago. 1933); *Deutsche Protestanten im Kampf, Résistance des protestants allemandes* (Protestantes alemães em luta, 18 nov. 1933); *Eine intellektuelle Anpassung an dem Hitlerismus, Une adaptation intellectuelle à l'hitlerisme* (Uma adaptação intelectual ao hitlerismo, 25 nov. 1933); *Das neue Gesetz zur Ordnung der nationalen Arbeit, La nouvelle charte allemande du travail* (A nova carta do trabalho alemã, 3 fev. 1934); *Das neue deutsche Wirtschaftsgesetz, La nouvelle loi allemande sur l'économie* (A nova lei alemã sobre a economia, 21 abr. 1934); *Europäische Jugend, Jeunesses européennes* (Juventude europeia, 11 ago. 1934) (Todos esses artigos estão incluídos in: KRACAUER, 1990; 2004).

⁵ *Die deutschen Bevölkerungsschichten um der Nationalsozialismus* (As camadas da população alemã e o nacional-socialismo), in: KRACAUER, *Schriften* 5-3, 1990, p. 223; *Werke* 5.4, 2004, pp. 433-45).

Setores médios

A origem principal do movimento hitlerista é composta por aquelas camadas da população as quais “o conceito de classe média permite sintetizar” (1990, p. 224). É nessas camadas sociais que o nacional-socialismo vai encontrar seu ponto de partida e é delas que vai lançar as bases de seu programa de atuação, tentando responder a suas necessidades de modo algum unitárias. Não por acaso, o próprio Hitler provém de uma baixa pequena burguesia e de uma pequena cidade com um número ínfimo de trabalhadores. [Tratava-se de] setores médios que padeceram com o final da I Guerra Mundial, compostos de artesãos, profissionais da indústria, empregados e funcionários, profissionais liberais, uma população bem heterogênea, mas significativa do conjunto da sociedade. Camadas da população cada vez mais ameaçadas de proletarização; classes médias que gozavam, no entanto, de uma situação econômica relativamente estável antes da Guerra e que partilhavam significativamente da vida cultural na Alemanha. Não se tem ainda, afirma, dimensão da amplitude do processo de destruição que sofre[ram] esses setores depois da Guerra, a literatura dedicada ao assunto é insuficiente, carece [de] uma autêntica análise crítica da situação. Apenas o triunfo do nacional-socialismo é que veio chamar a atenção para esses segmentos da população alemã, mostrando também a oscilação desses setores seja para direita ou para esquerda – é o que afirmavam [tanto] os empresários como os partidos de esquerda, orientados pelo marxismo-vulgar, sem análise concreta da situação. Uma espécie de cegueira tomou conta da crítica, impedindo a compreensão da pressão social que representavam. Qual pressão[?], pergunta Kracauer[, e responde]: aquela que

produziu a perda de suas posses e sua proletarização. O declínio de seus bens com a derrota na Guerra, a desvalorização de suas poupanças resultante da inflação, depois vieram a perda de direitos dos pequenos acionistas por meio dos métodos utilizados nos anos da estabilização, finalmente, a renovada perda de suas posses na origem da crise: todos esses fatores provocaram um desaparecimento de qualquer sentimento de segurança desses setores médios (1990, p. 224).

Ou seja, a perda de todas as garantias sociais, materiais e políticas que asseguravam a sua posição intermediária entre as classes. Os artesãos, por exemplo, viram-se cada vez mais ameaçados com a industrialização; os pequenos empresários não podiam suportar o peso da concorrência dos grandes; os pequenos comerciantes foram atirados de seus negócios para o meio da rua. A situação se agrava ao se considerar então a categoria dos empregados.

Nesse ponto, Kracauer se refere aos estudos de Emil Lederer e Jacob Marschak, *Der neue Mittelstand* (*A nova classe média*, de 1926) e, de modo muito distanciado e impessoal, “ao recente livro muito discutido de S. Kracauer, *Os empregados*” (1990, p. 225), que chamaram a atenção para os empregados como desclassificados, para a situação deles como próxima dos proletários, que com a racionalização das grandes empresas foram condenados a um trabalho cada vez mais impessoal, ameaçados pelo perigo da demissão sumária. A diferença deles dos trabalhadores residia na ausência de garantias trabalhistas. A análise é semelhante à de seu livro:

Há atualmente na Alemanha em torno de 3 1/2 milhões de empregados, dos quais mais de um terço são mulheres. No mesmo espaço de tempo no qual o número de trabalhadores não chegou a duplicar, o seu número quase quintuplicou. Um crescimento gigantesco (...) que aproximou sua situação à dos trabalhadores (KRACAUER, 1990, p. 225).

Mesmo os empresários sofreram certas mudanças estruturais durante a república, o que não significou sua direta proletarização, mas desmascarou sua antiga mania de grandeza, afrouxando seus antigos vínculos com o estado, na nova república, numa sociedade caracterizada pela sua incompletude – a sociedade alemã. No que diz respeito aos profissionais liberais, suas convicções são difíceis de determina[r] pois seu empobrecimento generalizado provocou uma confusão ideológica em seus representantes.

Mas a grande questão: como as camadas médias, ao se encontrarem numa situação inconsolável, foram responsabilizadas pela vitória do nacional-socialismo[?] Pois, teoricamente, seria possível que com sua crescente proletarização se unissem aos trabalhadores. Aqui o juízo de Kracauer é politicamente inequívoco:

Nem a social-democracia nem o Partido Comunista souberam utilizar as tendências anticapitalistas dos setores médios ou muito menos de suas energias revolucionárias. Muito pelo contrário, continuaram presos a uma conceituação desgastada e, por exemplo, acreditavam ver no seu antigo individualismo simplesmente uma mera expressão do sentimento “pequeno-burguês”. O que levou esses setores médios a seguir seu próprio caminho. Uma situação que deu origem a um ódio contra a República de Weimar e ao seu desejo de não se tornar, a qualquer custo, proletário, e a uma resistência intransigente contra o marxismo e contra o liberalismo. (1990, p. 226)

O diagnóstico político de Kracauer é praticamente quase o mesmo de seu amigo Ernst Bloch, no período, ao acusar a esquerda alemã, os socialistas e comunistas, de não saber fazer uso dos elementos “não-contemporâneos”, isto é, das energias utópico-revolucionárias dos setores

médios da população alemã (cf. BLOCH, 1985)⁶. Talvez se tivessem entendido sua revolta poderiam ter tirado proveito de seu antigo solo de cultivo rico em substâncias. Um erro político insanável! No entanto, o seu movimento ganhou força política e se encontrava a um passo, na vizinhança mesma, da visão de mundo dos nacional-socialistas, que lançaram suas raízes nesses setores médios da população. A isso se junta o nacionalismo de um Ernst Jünger, Schauwecker e Hielscher⁷, que tentam mobilizar estratos da burguesia empobrecida com os partidários da revista *Tat*, à la Zehrer, intelectuais que receberam duras críticas de Kracauer. Naturalmente, nega-se a existência da luta de classes e coloca-se no seu lugar o “conjunto do povo”, conjunto esse moldado nas camadas médias; propósitos que são tratados pelo nacional-socialismo com grande flexibilidade, que inclui no seu programa uma “classe média saudável”; promete aos artesãos e ao comerciante proteção da propriedade privada, crédito fácil; aos empregados, proteção contra a especulação internacional do capital financeiro e direito à aposentadoria; aos funcionários, o retorno a suas glórias passadas e, certamente, um estado forte para garantir todas essas promessas (KRACAUER, 1990).

Os argumentos de Kracauer contra os partidários do jornal [da revista] *Die Tat* não são novos, é um resumo de seu ensaio de dezembro de 1931, *Aufruhr der Mittelschichten* (A revolta da classe média, KRACAUER, 2009, pp. 123-47). Este periódico [havia sido] fundado em 1902 e desde 1929 [estava] sob a direção de Hans Zehrer. O círculo que se criou em torno do jornal [da revista] era constituído de discípulos de Carl Schmitt, jurista famoso por suas teses antiparlamentaristas, buscando uma síntese autoritária de nacionalismo e socialismo, nele foram lançadas as bases da chamada revolução conservadora como também do cerne ideológico do nacional-socialismo, com o amálgama: povo, estado e mito; entre 1931-32 [o periódico] alcançou uma tiragem de 30 mil exemplares; de 1933-39, sob a direção de G. Wirsing, adotou uma postura fascista radical. Para Kracauer, as ideias que são expressas no jornal [revista] “são o reflexo preciso da situação difícil da classe média” (2009, p. 125). Seu ideário é composto por um antiliberalismo e antiparlamentarismo, o “estado total” de Carl Schmitt, o estado como unidade viva, irracional; contra a razão e a *Aufklärung* (esclarecimento); a substituição do conceito de classe social pelo de povo e mito, baseado nas ideias de Georges Sorel; em suma, uma síntese de antiliberalismo e antissocialismo marxista. Uma batalha contra

⁶ Faço uma análise das posições de Bloch em Machado (2016). Parte do capítulo sobre esse livro, sobre a “não contemporaneidade”, foi republicada Vedda (2007).

⁷ Ver: “Gestaltchau oder Politik” (10/1932); “Gebändigter Nationalismus” (1932), pelo visto não chegou a ser publicado, e posteriormente “Eine intellektuelle Anpassung na den Hitlerismus” (11/1933), publicado na *L'Europe Nouvelle*. Ano16, n. 824, com o título “Une adaptation intellectuelle à l'hitlerisme” (in: KRACAUER, S. *Schriften* 5-3, 1990, pp.177-9; 255-62; *Werke* 5.4. 2004, pp. 233-9; 326-9; 478-85).

a razão que desconhece os poderes nefastos da racionalização das formas de vida, segundo Kracauer:

A *ratio* também corroeu os laços que até então mantinham formalmente a coesão da sociedade. As consequências terríveis desta desintegração induzida pela *ratio* – sobretudo para os estratos médios – procurei apresentar em meu livro *Os empregados (...)*. É na mudez deste pensamento que se refugia o sistema social e econômico, severamente abalado, ao qual nós atualmente estamos submetidos. (2009, pp. 130-1)

A Alemanha agrária

A Alemanha agrária é, conforme o diagnóstico de 1933, preponderantemente um país de camponeses, um quinto das terras cultiváveis pertencem a 18.700 grandes proprietários, o restante dos quatro quintos, a 5 milhões de pequenos proprietários; apesar de seu pequeno número, os grandes proprietários de terra não deixaram de manter sua antiga hegemonia. Com a modernização da produção agrícola se produziu uma forma mista de camponês e trabalhador industrial: “As pessoas desta camada intermediária vivem em meio a relações excepcionalmente mesquinhas e não desenvolveram desde então nenhuma forma própria de atuação política” (1990, p. 227) E, sem poder desenvolver em detalhe a complexidade da situação agrária alemã, [Kracauer] se apoia no livro, que havia sido publicado há pouco, de Erwin Topf: *Die grüne Front. Kampf um den deutschen Acker (A frente verde. A luta pelo solo alemão)*. A situação se complica mais ao se considerar a diversidade material e política das diferentes regiões do país, com seus privilégios e tradicionalismos “não-contemporâneos” (Bloch), sobretudo depois da Guerra de 1918, que engendra um contexto de insatisfação generalizada no campo contra o “sistema” e que foi amplamente utilizada pelos nacional-socialistas, o que se fez sentir já nas eleições de 1928, com o apoio dos *Landvolkpartei* a Hitler. A situação se assemelha [à d]os setores médios; e propostas do tipo: proibição de empregar trabalhador emigrante estrangeiro, proclamação de política de puro sangue e terra, defesa da propriedade privada etc. conquistaram de modo avassalador seja o pequeno e médio camponês [ou] o grande proprietário de terras; um programa que louvava uma nova nobreza do sangue e do solo [*Blut und Boden*].

O mais contemporâneo

E a atitude do setor mais “contemporâneo” e moderno da economia alemã, a indústria? A resposta de Kracauer é inequívoca:

O nacional-socialismo tornou-se grande e poderoso com o apoio financeiro da indústria. O *élan* do movimento jamais poderia ter se desenvolvido de modo tão poderoso, se não tivesse sido subvencionado pelos Kirsdorf, Thyssen etc. A simpatia dos dirigentes da economia por Hitler resultou em boa medida do ódio contra a política tarifária dos sindicatos e da mentalidade da social-democracia. (1990, p. 228)

Os grandes industriais se sentiam ameaçados pelas greves dos trabalhadores por melhores salários, que, com o avanço da crise, foram praticamente interrompidas; temiam também o perigo de ver suas propriedades ameaçadas com o socialismo; não se sentindo mais como o “dono da casa” [*Herr im Haus*] (1990, p. 228). Como se alguma vez os social-democratas, acrescenta Kracauer, deram-se ares de “donos da casa”. Para não falar do horror ao marxismo. Como defesa, passaram a ter simpatias e esperanças nas brigadas do [*Sturmabteilung*, Destacamento Tempestade] SA em suas ações (terroristas) contra os partidos dos trabalhadores, como também por iniciativas econômicas independentes do parlamento e uma relação amistosa com um estado forte etc.; assim, o apoio em massa do setor a Hitler não foi nenhuma surpresa. O que já ficou explícito na reunião dos empresários do *Ruhrbegiet* já em 1926. Vendo a ameaça bolchevique por toda parte.

Certamente, parte da grande burguesia liberal teve no início um certo pé-atrás em relação ao nazifascismo. Neste ponto, vale a pena retomar um texto que Kracauer escreveu no final de 1930, um apelo ao empresariado alemão, A decisão intelectual do empresariado⁸. Indaga, logo no início do artigo: “O empresariado alemão pode se prestar a ser reacionário? Chegou a hora na qual se é forçado de modo imperioso a se tomar uma decisão intelectual. Pode-se dizer: finalmente!” (1990, p. 225) E mostra como, nos últimos 50 anos, o empresário alemão tem trabalhado às escuras [*im Dunkel*], sua incapacidade de forjar um ideário próprio, seja nos anos da I Guerra ou no período da inflação e, finalmente, diante da crise; ou seja, [os empresários] foram incapazes de constituir, usando uma expressão de Antonio Gramsci, uma “hegemonia” no interior da sociedade alemã – infelizmente um autor que Kracauer não conheceu[. U]ma espécie de paralisia intelectual tomou de assalto todo o setor [por causa do seu verdadeiro h]orror aos sindicatos ou diante de qualquer proposta de reformas, para não falar do comunismo! Diante de tal situação, qual a solução[?] [O] fascismo! Não [viam] que eles próprios estavam “beijando o próprio túmulo” (1990, p. 227).

⁸ O artigo é de novembro de 1930: Die Geistige Entscheidung des Unternehmerstums (A decisão intelectual do empresariado) (cf. KRACAUER, *Schriften* 5-2, 1990, 1990, pp. 225-228; *Werke* 5.3, 2004 pp. 314-9).

Mas esse mesmo empresariado não vacilou em apoiar e possibilitar a tomada [do] poder por Hitler; voltando ao texto de 1933. Razão: “Medo do comunismo” (1990, p. 229). É necessário acompanhar na sociedade alemã quem expressava esse discurso:

A inteligência, comerciantes independentes, advogados etc. empalideciam toda vez que esta palavra terrificante era pronunciada, sem perceber que o comunismo não representava efetivamente nenhum perigo sério. Nem judeus nem cristãos. Melhor então, dar uma chance a Hitler... o nacional-socialismo deve mostrar o que ele pode fazer; ou o antissemitismo é apenas um epifenômeno [*Begleiterscheinung*] que logo desaparecerá (1990, p. 229).

Hitler, com habilidade, sabia que o comunismo representava uma tal ameaça tão incansável como “o demônio pintado no muro” (1990, p. 229), sabia que o poder aparente da esquerda era o seu real opositor, “mostrou o dedo mindinho” [*den kleinen Finger zu geben*] ao empresariado e este lhe deu a mão inteira (1990, p. 229).

A falta de caráter desta burguesia é certamente um produto da sua história. Já Bismarck reclamava a respeito, que faltava aos alemães a *Zivilcourage*. (...) Na Alemanha Imperial, a burguesia se desenvolveu à sombra dos estamentos feudais sem conseguir forjar nenhuma virtude própria e muito menos nenhuma tradição de autoconsciência, como não esteve em condições, sob as difíceis condições do pós-guerra, (...) de afirmar qualquer força moral (1990, p. 229).

Em suma, a chamada grande burguesia liberal, na realidade dos fatos, nunca pôs em prática o liberalismo autêntico, ela se autossuperou antes de sua liquidação (cf. 1990, p. 230). Beijou o próprio túmulo!

O proletariado

Junto ao proletariado o nacional-socialismo registrou o seu pior sucesso. A frente marxista resistiu com tenacidade, malgrado a incapacidade dos dirigentes de seus partidos políticos, a social-democracia e o Partido Comunista, algo surpreendente. No que diz respeito aos social-democratas, com a sua teoria do mal necessário, recuou vários passos de qualquer ação revolucionária e se deixou levar pela política de seu opositor. Seus caciques eram pessoas malformadas que nem mesmo acreditavam no que diziam; seus funcionários se distanciaram das massas. “A apatia no interior do partido tornou-se sem limites, sentia-se a morte nos ossos. Depois da eleição de 1930, muitos de seus dirigentes confessavam em conversas privadas que o partido estava fora do jogo.” (1990, p. 230) O Partido Comunista, do qual se poderia esperar uma atitude revolucionária, mas em função de seus vínculos organizativos cada

vez mais estreitos como Moscou, mostrou-se cada vez mais paralisado e perdeu de vista, em decorrência de seu ódio dos social-democratas e da sua timidez teórica, a estrutura da realidade social (cf. 1990, p. 230). Kracauer não menciona diretamente o Congresso de 1928 do [Partido Comunista da União Soviética] PCUS, no qual a social-democracia foi considerada “irmã-gêmea” do nacional-socialismo, provocando um desastre na política das Frentes Populares. Não menciona também a acessão de Stálin no interior do Partido e suas nefastas consequências políticas; [mas é] claro que acompanhava atentamente o processo político na Rússia Soviética)⁹, restringe-se a citar, elogiosamente, o livro de Arthur Rosenberg, *Geschichte des Bolschewismus von Marx bis zur Gegenwart*, historiador e parlamentar do [Partido Comunista (*Kommunistische Partei Deutschlands*)] KPD e depois de 1928 [do Partido Social-Democrata Alemão (*Sozialdemokratische Partei Deutschlands*)] SDP, com quem Kracauer manteve correspondência e é referência-chave sobre a gênese histórica do final da República de Weimar e para compreensão da “propaganda totalitária” - ver capítulo seguinte. Limita-se a registrar as consequências desastrosas dessas novas orientações políticas, por exemplo, em certos círculos comunistas chegaram a se referir a uma liderança sindical social-democrata, Breitschied, como sendo a mesma coisa que Hitler (cf. 1990, p. 230). Disso à destruição do partido foi um passo. Mas, apesar da debilidade política dos partidos de esquerda, o proletariado resistiu ao nacional-socialismo. E Kracauer enumera as razões disso:

A confiança das massas trabalhadoras em suas organizações (...); sua disciplina; sua recordação da tradição viva das ações históricas de luta da social-democracia, (...) a consciência dos grupos radicais de que a Rússia estaria do lado deles (...) e a

⁹ Há uma série de artigos e resenhas nos quais Kracauer acompanhou vivamente a vida cultural da jovem República Soviética, sempre de modo crítico, basta lembrar suas resenhas entusiastas sobre os filmes de Eisenstein, Vertov, Pudovkin ou sobre a literatura de Ehrenburg, Tessenow, Tretjakow etc.]; e [a] política, sempre com muitas reservas em relação aos bolcheviques e, sobretudo, depois de Stálin, p. exemplo sua resenha extremamente simpática à autobiografia de Trotsky ou sobre a Revolução Russa. Segundo Kracauer, “somente uma obra biográfica (...) difere fundamentalmente de todas as outras. É a biografia de Trotsky (...). Este novo tipo de indivíduo situa-se fora da nebulosidade das ideologias: ele existe somente na medida em que se anula no interesse das necessidades atuais, reconhecidas” (A biografia como forma de arte da nova burguesia, *in*: KRACAUER, 2009, p. 122). Ver também, por exemplo: *Nacht über Russland. Lebenserinnerungen von Wera Figner* (1926); Michail Lykow: *Zeitgenosse aus Russland* (1927); *Deutschland-Russland 1913 bis 1922. Zu dem Roman Konstantin Fedins* (1928); *Kosaken reiten in die Weltgeschichte* (1931); *Privatschicksale in Sowjetrussland* (1931); *Lunatscharski über die russische Kultur. Bemerkungen zu seinem Vortrag* (1931); *Untergang der Gebildeten in Russland* (1932); *Russland von aussen und innen. Zu drei Russlandbüchern* (1932); *Bericht aus der Sowjetunion* (1932); *Memoiren eines russischen Revolutionärs* (1933); *Aus der russischen Revolution* (1933) etc. (todos incluídos em KRACAUER, 1990; 2011). Ver também o elucidativo ensaio de Ingrid Belke sobre Kracauer e a jovem União Soviética (KESSLER; LEVIN, 1990).

desconfiança em relação a um movimento oriundo dos setores médios pactuados com os poderes capitalistas e reacionários e que queriam suspender [*aufheben*] a luta de classes. (1990, pp. 23-31)

Um modo espontâneo do proletariado organizado de se defender de Hitler.

Os desempregados

O caso dos desempregados é ainda mais complicado. Milhões de desempregados cresceram ao longo de toda a década, sobretudo, o número de jovens que nunca chegaram sequer a conhecer o processo de trabalho e que ficaram à espera de promessas apocalípticas para ter o pão de cada dia para comer¹⁰. A situação se agrava politicamente na medida em que os partidos estabelecidos não lhes oferecem alternativas, aumentando o abismo entre eles e os companheiros empregados. Sobre eles exercem uma força de atração, sobretudo, os partidos revolucionários que não os tomam apenas como objeto econômico, mas como um fator decisivo no processo de transformação social. Mas a confusão dá o tom. Segundo Kracauer:

Continuamente flutua cá e lá uma multidão de desempregados entre o comunismo e o nacional-socialismo, tudo depende da habilidade do orador em questão para saber em qual lugar cada grupo deles vai emigrar. Elementos nacional-socialistas ruíram do comunismo, e antigos comunistas prestam juramentos a Hitler. (1990, p. 231).

As forças paramilitares, como a SA, encontram neles um forte campo de atuação, ao prometer-lhes alimentação e uniformes, farejando suas necessidades, transformando-os de párias da sociedade em guarda avançada [*Vortrupp*] do III Reich – sobretudo entre os mais jovens (cf. 1990, p. 231).

Se cada situação social corresponde a uma constituição espiritual determinada, o que acontece numa sociedade desarticulada estruturalmente, sobretudo, tendo partidos políticos incapazes de mobilizar os insatisfeitos e engendrar assim um movimento socialmente vivo? – indaga Kracauer.

¹⁰ Eis um tema caro a Kracauer: a juventude. Presente não só em suas análises socioeconômicas e políticas, como também em sua crítica cinematográfica e literária. Seu foco: qual o destino dos jovens sem perspectiva de trabalho? Cito alguns textos: Für die ewig reifere Jugend... Anmerkungen zu dem erstmalig für den 22. März 1929 geplanten "Tag des Buches" (1929); Weltstadjugend? – Brünstiger Zauber! Nebst einer Anmerkung über Literaturkritik (1930); Neue Jugend? (1931); "Er ist ein guter Junge". Berliner Betrachtung (1932); Mädchen im Beruf (1932); Zur Produktion der Jungen. Bei Gelengenheit zweier Bücher von Klaus Mann (1932); Grossstadtjugend ohne Arbeit. Zu den Büchern von Lamm und Haffner (1932); Jugend dieser Zeit (1933); Zu einem Buch über deutsche Jugend (1933); Über die deutsche Jugend (1933); Europäische Jugend (1934) (todos eles republicados in: KRACAUER, 1990; 2011).

Os social-democratas vivem de escassas rendas de antigas propriedades espirituais, os comunistas teorizam demais e perdem a ligação emocional daqueles setores que estavam à espera de uma palavra redentora, os partidos do centro tentam em vão construir seu programa econômico ideologicamente e administrar seu território e os partidos reacionários apelam para a mentalidade conservadora... (1990, p. 232).

Em se tratando dos setores médios, a situação político-ideológica se apresenta de modo mais grave ainda. Nesse contexto infernal, “o nacional-socialismo torna-se o fermento essencial do movimento” (KRACAUER, 1990, p. 232). Seu conteúdo: ressentimento contra o marxismo e a democracia liberal; ressentimento contra o Tratado de Versailles; ressentimento contra a amabilidade da França em relação à República de Weimar etc. etc. Perdeu-se a razão diante do processo de racionalização que se propagou velozmente no pós-guerra – e o irracionalismo veio à tona. No lugar da luta de classes, o ódio racial: o antissemitismo. “O antissemitismo, que muitos burgueses otimistas tentaram diminuir como um erro aparente [*Schönheitsfehler*], é na verdade um núcleo ideológico do movimento (...). Sua missão peculiar: encobrir a existência [*Tatsache*] da luta de classes de modo a canalizá-la para o ódio racial.” (KRACAUER, 1990, p. 233)

Esse diagnóstico de Kracauer diante da catástrofe do nacional-socialismo permaneceu ao longo dos anos, depois de 1933, mais ou menos o mesmo, sobretudo em relação à sua análise dos setores médios; sua compreensão material e sociológica do novo tipo de assalariado e sua debilidade político-ideológica, desenvolvida em *Os empregados*, é o ponto de partida de seus estudos posteriores, seja dos mecanismos de propaganda (1936) e dos cinejornais nazistas (1941-3), como também de seu estudo de psicologia social sobre o cinema alemão do período da República de Weimar (1947). Mas, nesse diagnóstico elaborado no calor da hora, o texto foi publicado em maio de 1933, há uma certa esperança política que depois se esvaiu completamente; ou seja, como se a situação pudesse ser politicamente revertida – como se a Alemanha pudesse despertar de seu sonambulismo –, como se as forças democráticas do país ainda fossem capazes de bloquear a avalanche catastrófica que começava apenas a tomar forma; a forma de uma hecatombe destrutiva sem igual, o que vai acontecer pouco a pouco ao longo dos anos 30 do século XX e culminará na II Guerra Mundial. Mas o que mudou de curso não foi seu ponto de vista interpretativo, apostando na democracia, como um *Aufklärer* radical, mas a dura realidade dos fatos. Pode-se ler na conclusão do texto: “se o nacional-socialismo soldou o povo como um todo? Se esse espírito de raça, ariano, revelar-se verdadeiramente como espírito? Isso virá à luz no dia em que a Alemanha despertar” (1990, p. 233).

2. Exposé: “Massa e propaganda” (12/1936)

O *Exposé* de Kracauer tinha como intenção desenvolver uma ampla pesquisa sobre os mecanismos de propaganda política nos países fascistas, isto é, não só na Alemanha; o trabalho teria como meta, no médio prazo, obtenção de uma bolsa de estudos do Instituto de Pesquisa Social, sob a direção de Max Horkheimer. O incentivo do projeto foi estimulado pelos amigos mais próximos de Kracauer ligados ao Instituto, como Leo Löwenthal e, sobretudo, Adorno. A proposta não foi adiante e engendrou uma sucessão de mal-entendidos; a razão é simples: política. O projeto foi considerado sectário e muito radical pela direção. A celeuma pode ser acompanhada na recente correspondência publicada, já referida, entre Adorno e Kracauer. Kracauer, que se encontrava no exílio em Paris, viu-se em maus lençóis, pois além de se encontrar numa situação material precaríssima, necessitava de rendimento extra para poder pagar pelo visto de permanência para ir aos Estados Unidos, o que seria impossível sem um auxílio financeiro. O episódio produziu um abalo significativo nas suas relações de amizade tanto com Adorno como com Leo Löwenthal; suas relações com Horkheimer sempre foram tensas. Desse esboço de pesquisa, Kracauer redigiu uma longa versão mais detalhada para publicação na revista do Instituto, que não foi publicada, com o título: *Die totalitäre Propaganda Deutschlands und Italien (A propaganda totalitária da Alemanha e Itália)*, de 1938. A versão original continha mais de 150 páginas. Adorno chegou a escrever um parecer sobre o texto. Começa afirmando: “Kracauer não está nem vinculado em sua postura teórica a nós [o Instituto, CEJM], nem seu método de trabalho está articulado em uma escrita científica”. Continua, [afirmando] que o trabalho “nem tem valor científico propriamente nem está fundamentado empiricamente de maneira correta, [mesmo] se expressa às vezes em formulações literárias de alto valor algumas experiências e observações próprias da posição de *outsider* do autor... (ADORNO; KRACAUER, 2008, p. 387)¹¹.

Adorno elaborou outra versão do texto, com cortes e intervenções radicais, reduzindo o texto a um quinto do total, alterando até mesmo o mesmo título, “A propaganda autoritária”, que foi rejeitada pelo autor, pois não se reconheceu na versão “reelaborada” pelo seu amigo, Adorno. A resposta de Kracauer: “Sua leitura confirmou minha apreensão. Devo dizer-lhe com grande pesar [*Bedauern*] que eu *não* posso consentir a publicação do manuscrito” (carta de 20 ago. 1938 *in*: ADORNO; KRACAUER, 2008, p. 396, grifo do autor). Pelo visto o texto original

¹¹ A carta de Adorno a Kracauer é datada de 3 maio 1938. O “Parecer” citado é um fragmento que os editores acrescentaram em nota, mas foi publicado na íntegra no volume 2.2. das *Werke* de Kracauer em julho de 2012.

sumiu¹². O que temos hoje, e foi publicado no volume 2.2 de suas *Werke*, é resultado de um laborioso processo de transcrição de seus cadernos de anotações. Esse material só poderá ser devidamente esclarecido e conhecido, assim como os mal-entendidos que gerou, pois a discussão se estende por várias cartas trocadas entre eles na ocasião, com a recente publicação do volume 2.2, das *Werke* de Kracauer – assunto do próximo capítulo. O que exponho é a versão do final de 1936 do *Exposé*, publicada na edição especial *Marbacher Magazine*, dedicada ao centenário de Kracauer, em 1989, organizada por Ingrid Belke e Irina Renz (MARBACHER, 1989; republicado in: KRACAUER, 2012, pp. 9-16).

Esboço. Massa e propaganda (Uma investigação sobre a propaganda fascista) [*Exposé. Masse und Propaganda (Eine Untersuchung über die fascistische Propaganda)*]. O texto é bem esquemático, trata-se de um projeto, dividido em seis partes: 1. Problema; 2. A crise depois da Guerra e seus resultados; 3. O estágio decisivo da crise; 4. O princípio da solução aparente fascista; 5. O papel da propaganda no fascismo; 6. Alguns resultados-chave. Limito-me por ora a um relato breve, para uma discussão posterior.

1. Nos países fascistas produziram-se novos métodos de propaganda política relacionados diretamente ao terror, tornando-se não apenas um meio, mas a finalidade mesma da política. Eis a novidade, a relação entre propaganda política e terror é o que diferencia as ditaduras atuais das anteriores. Em um estudo mais detalhado dever-se-ia diferenciar esses métodos de propaganda política do papel da propaganda nos países democráticos, em geral relacionado ao anúncio publicitário [*Reklame*]. O enquadramento do problema é amplo: de um lado, o papel da propaganda nos países fascistas, particularmente na Alemanha, na qual o uso da propaganda e do terror se torn[ou] sistemático, confrontá-lo com o uso da propaganda política na União Soviética e, por último, com as democracias ocidentais, particularmente, os Estados Unidos, onde esta ganha a eficácia de anúncio publicitário (cf. KRACAUER, 2012, p. 85).

2. A crise econômica do pós-Guerra está na origem política e material dos países fascistas, assumindo neles um caráter total. Suas consequências sociais: na Alemanha a crise levou à pauperização de amplas camadas da população, dando origem a novas massas ao redor do proletariado. Nesse ponto, dever-se-ia dar atenção ao próprio proletariado; à classe média proletarizada, fazendo referência ao seu livro sobre *Os empregados*, onde mostra como os setores médios foram

¹² É o que me informou pessoalmente a *Frau* Ingrid Belke, uma das organizadoras de suas *Werke*. [No] Kracauer-Archiv em Marbach am Neckar parece que existe uma versão taquigrafada do mesmo, mas de um modo que poucas pessoas podem decifrar, [já que] é uma técnica mais antiga. No posfácio à nova edição de *Theorie des Films*, Inka Mülde-Bach confirma o mesmo (KRACAUER, 2005, p. 849).

proletarizados e pauperizados depois da Guerra, aproximando suas condições de vida às dos trabalhadores (cf. KRACAUER, 2012, p. 86); aos desempregados. Enumera, esquematicamente, os resultados ideológicos da crise: declínio da hierarquia de valores burgueses, a perda de sua segurança e de seu estilo de vida; novamente utilizando uma expressão amplamente empregada em seu livro: a “condição de sem-teto espiritual das massas” (KRACAUER, 2012, p. 86), que se afastando das políticas socialistas, por meio da crise, pass[aram] a viver ideologicamente num vácuo. [Abordava o]s setores médios e sua precária situação[:] seus membros se proletarizaram, mas continuam ainda a se pensar como burgueses; seu ódio ao comunismo é também seu ódio ao capitalismo, querem uma mudança do sistema, mas que não seja, de modo algum, uma ditadura do proletariado. Os desempregados, com a pulsão da racionalização, viram-se definitivamente excluídos da produção e dispostos a uma fé num milagre [*Wundergläubigkeit*]. Nas palavras de Kracauer: “típico das massas de desempregados e sua constante vacilação entre o nacional-socialismo e o comunismo” (KRACAUER, 2012, p. 86). Faz um resumo:

Como as massas trabalhadoras, assim também as novas massas oriundas desse mesmo processo recusam a economia capitalista em sua forma existente. Parecem reduzidas – econômica e socialmente – à ruína, e se sentem, em sua visão ideológica, tão perdidas como a burguesia, imobilizada pela impotência e incapaz de exercer uma força de atração. (KRACAUER, 2012, p. 86)

3. Por meio do peso das massas e da incapacidade dos representantes do capitalismo de conquistá-las, emergiu um tal antagonismo entre partidos de direita e de esquerda, entre capitalismo e comunismo, no qual a força de mediação da democracia perdeu lugar. Supondo que fosse possível retornar à prosperidade econômica, na qual boa parte das massas pudesse ser absorvida, isso poderia gerar uma situação revolucionária madura. Uma tal situação colocaria a seguinte tarefa: como seria possível levar as massas a desaparecer como tal? No sistema econômico existente, sob as condições dominantes, uma ampla integração das massas seria de antemão impraticável. [A] única solução radical é aquela oferecida pelo comunismo, que pretende dar cabo dos fundamentos do sistema econômico capitalista, que está na base do surgimento das massas. Numa sociedade comunista, teoricamente, o desemprego seria definitivamente eliminado e as massas enquanto tais desapareceriam. A situação na Alemanha é de tal modo complexa que uma solução comunista esbarraria com uma resistência incomum, pois uma parte dela pertence àquelas massas que foram expatriadas e, por outro lado, encontraria a resistência arrebatadora dos membros das classes

médias despossuídas. Um dilema insolúvel: as massas deveriam ser reintegradas ao sistema capitalista, o que não aconteceria. Diante disso, apenas uma solução aparente [*Scheinlösung*]: o fascismo (cf. KRACAUER, 2012, pp. 86-7).

4. O princípio da solução aparente reside no fato de que o fascismo não elimina as massas, o que seria impossível, ao contrário, reforça o seu caráter de massa, procurando despertar a impressão de que elas foram reintegradas, uma encenação [*Inszenierung*]. Para isso o fascismo faz uso basicamente de dois métodos relacionados entre si: o terror e a propaganda.

Em primeiro lugar, o uso do terror se mostra necessário, já que no interior do sistema dominante apenas com o uso da violência o caráter conflitante entre as classes pode ser sufocado, o que força necessariamente a solução aparente como a fascista. Em segundo lugar, da propaganda fascista Kracauer formula duas proposições gerais: ela se apresenta como contrapartida obrigatória à propaganda comunista, ou melhor, ela está presa à propaganda comunista. A propaganda fascista não tem meta, como a comunista [tinha] o desaparecimento das massas enquanto tais. Sua peculiaridade é não ter meta alguma. Para abdicar dessa realização sem metas, repugna sua própria meta levando-a *ad absurdum* (cf. KRACAUER, 2012, p. 88). Kracauer não desenvolve ainda o conceito de “vontade de poder niilista”, chave em sua análise posterior. Em poucas palavras, “sua meta reside em gerar a aparência de reintegração das massas” (KRACAUER, 2012, p. 88). Essa aparência se volatiliza de súbito se não for permanentemente sedimentada pela propaganda, não é como uma propaganda qualquer, que se esvai por si mesma, ela e ser renovada constantemente. Desse modo, o fascismo não pode absolutamente renunciar ao terror como à força dos mecanismos da propaganda.

5. Do que foi esboçado se conclui que a propaganda fascista se caracteriza por ter como meta não a reintegração das massas enquanto tais, mas intensificar o seu caráter de massa, ou seja, disforme e anônimo, fácil de se manipular. Nesse ponto, Kracauer lança a seguinte questão: “como é dominada pela propaganda a hipostasiação das massas?” (KRACAUER, 2012, p. 88)

Kracauer realiza uma digressão crítica sobre diferentes teorias das massas: elas são forçadas a se ver em todos os lugares, nas reuniões, eventos, locais. Seu caráter é constantemente atualizado numa “forma esteticamente sedutora de um ornamento ou numa imagem plena de efeitos” (KRACAUER, 2012, p. 88). Aqui tira consequências políticas de seu ensaio de 1927, O ornamento da massa, que ele não cita: a impessoalidade dos eventos de massa, a descaracterização dela como público diferenciado e dotado de identidade própria, a estetização do

público reduzido a um ornamento anônimo. Só que, no caso, a estetização não toma a forma de um mero reclame publicitário, mas de uma imagem plena de efeitos dessas massas supostamente integradas pela força da propaganda, o cerne da solução aparente e terrorista do fascismo. Essa forma esteticamente sedutora de um ornamento nada mais é do que [aquilo que] Walter Benjamin, no ensaio famoso também de 1936, A obra de arte na época da sua reprodutibilidade técnica, chama de “estetização da política” pelo fascismo, justamente o que Kracauer esmiúça em seu *Exposé*, mostrando o entrelaçamento, neste espetáculo “pleno de efeitos”, entre propaganda fascista e terror. Pois não se trata do mero fetichismo da mercadoria dos reclames publicitários – a feitiçaria é de outro tipo¹³.

Com ajuda das emissões radiofônicas, metamorfoseia-se o quarto de dormir com a praça pública, na medida em que se pode falar de esfera íntima e de individualidade no fascismo; se essa ainda existe é só para se transformar em massa anônima. A massa é evocada para ser eliminada e extrair dela sua força mítica, pois assim essa aparece para todos como sua superação. O culto da massa, sua metamorfose em mito, traz em si duas outras consequências: o culto da personalidade, do *Führer*, que dissipa qualquer sentido de realidade do sujeito, do indivíduo inteiramente esvaziado de qualquer substância, e que surge para legitimar o terror.

Por meio do desencadeamento do culto das massas chega-se ao resultado esperado, tendo em vista sua intenção [de] alcançar suas condições indispensáveis: a massa como massa juntamente com a charlatanice [*Scharlatanerie*] atinge-se o bom termo, ou seja, a farsa. Deve-se, portanto, aprofundar a relação entre propaganda fascista e charlatanice. Aqui [Kracauer] faz uma nota sobre a importância de uma digressão histórica sobre o charlatão e a propaganda fascista – será que começaria com Napoleão III, investigação que acabara de realizar?

A intenção propriamente dita da propaganda fascista é a pseudorreintegração das massas por ela preparada e que as mantém sempre ocupadas, ordenando-[lhes] que marchem sem parar, para que desse modo dê[em] origem à convicção de que estão munidas de funções. O decisivo na tentativa de reintegração dirigida pela propaganda é apresentar a doutrina comunista como sendo o grande perigo ameaçador. Para isto, faz uso dos mecanismos ideológicos dos setores médios da população, que vivem na periferia do processo de produção. Tudo para demonstrar a “falsidade” da ideia de luta de classes – esta não passa de uma mentira. Não pode faltar, certamente, o apelo à juventude. A isso, acrescentam-se os conceitos de “nação”, “povo”, “honra”, como pontos centrais para atingir, como propaganda, sua realidade e função, e paralisar

¹³ Ver meu artigo sobre Kracauer e Walter Benjamin e a cidade de Paris à época do II Império (MACHADO, 2006, pp. 55-74).

a luta de classes. Outra anotação importante: uma digressão sociológica sobre o conceito de “raça” e a propaganda antissemita e o significado em termos de propaganda da política exterior fascista. Outro mecanismo importante diz respeito às leis do tipo *dopo lavoro*, uma fachada para encobrir as efetivas relações entre empregador e empregado.

Por último, a propaganda fascista como uma solução fictícia dos problemas que apresenta não é difícil de ser demonstrada. Como se ela perdesse a sua força originária logo após a tomada do poder. Nesse ponto, Kracauer demonstra novamente a esperança iluminista de que os mecanismos ideológicos fictícios e do terror levado à normalidade política fossem logo tornados evidentes para todos, pela sua falsidade e farsa. Sendo que estava em curso toda uma política de militarização da sociedade e que a Grande Guerra estava batendo à porta. Ninguém do lado democrático e de esquerda tomava a iminência da guerra como inevitável. Mas isso já é assunto do próximo capítulo, quando discuto de que modo Kracauer analisa, em plena guerra, os noticiários e os filmes de propaganda nazistas, destacando como ninguém antes dele o poder das imagens.

*

O que acabo de expor são suas anotações esquemáticas de um projeto sobre “A propaganda totalitária” que, em parte, não vingou – tema do próximo capítulo. Não se conhece até agora a versão original que Kracauer chegou a desenvolver para a revista do Instituto de Pesquisa Social, apenas suas anotações. O que retira, em parte, a precisão não só no espírito, mas na letra, para poder compreender como Kracauer extrai consequências sociológicas e ideológicas últimas do entrelaçamento entre propaganda e terror, a mitificação das massas e dos conceitos de povo, nação, superioridade racial, antissemitismo etc.; ou seja, da complexidade de um processo de estetização da política e de transformação das massas em mero ornamento; ou ainda como analisa outros casos de fascismo além da Alemanha; e, de um lado, a diferenciação da propaganda política nos países comunistas, de outro, a relação desta com o anúncio publicitário no Ocidente etc.

Referências bibliográficas

- ADORNO, Th.; KRACAUER, S. *Briefwechsel* (1923-1966). Frankfurt aM: Suhkamp, 2008.
- BLOCH, E. *Erbschaft dieser Zeit* (1935). Frankfurt aM: Suhkamp, 1985.
- KESSLER, M.; LEVIN, Th. (Org.). *Neue Interpretationen*. Tübingen: Staufenburg, 1990.
- KRACAUER, S. *Schriften* (Org. Inka Mülder-Bach). Frankfurt aM: Suhrkamp, 1990.
- _____. *Werke in neun Bänden*. Hrsg. von Inka Mülder-Bach und Ingrid Belke. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 2004.
- _____. “Theorie des Films”. In: *Werke* 3. Frankfurt aM: Suhrkamp, 2005.
- _____. *O ornamento da massa: ensaios*. Trad. Carlos Eduardo Jordão Machado e Marlene Holzhausen. São Paulo: Cosac Naify, 2009. 380 pp.
- _____. “Essays, Feuilletons, Rezensionen”. In: *Werke* 5.1-4. Berlin: Suhrkamp, 2011.
- _____. “Studien zu Massenmedien und Propaganda”. In: *Werke* 2.2. Siegfried Kracauer. 1889-1966. Org. C. Fleck e B. Siegler. Bearbeitet von Ingrid Belke und Irina Renz. Berlin: Suhrkamp, 2012.
- MACHADO, C. E. J. *Debate sobre o expressionismo*. 2. ed. ampliada. São Paulo: Ed. Unesp, 2016.
- _____. Notas sobre Siegfried Kracauer, Walter Benjamin e a Paris do II Império – pontos de contato. *História, cultura e política*, São Paulo, Ed. Unesp, v. 25, n. 2, 2006.
- MARBACHER MAGAZIN. 47/1988. *Siegfried Kracauer*. 1889-1966. Bearbeitet von Ingrid Belke und Irina Renz. Marbach am Neckar: Deutsche Schillergesellschaft, 1989.
- VEDDA, M. (Org). *Ernst Bloch*. Tendencia y latencia de un pensamiento. Buenos Aires: Herramienta, 2007.

Como citar:

MACHADO, Carlos Eduardo Jordão. O *Exposé* sobre “Massa e propaganda” e as primeiras interpretações de Siegfried Kracauer do nazifascismo. *Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, Rio das Ostras, v. 24, n. 2, pp. 128-146, nov. 2018.

Data de envio: 14 jan. 2018

Data de aceite: 22 mar. 2018